

Terrorismo e Tradição

J. Roberto Whitaker Penteado

Paul Bodnar, leitor de Budapest do Herald Tribune – jornal americano que circula na Europa – escreveu, na semana passada, uma carta ao editor de conteúdo singularmente importante. Tratando da recente canícula, na Europa, faz a comparação seguinte: “Quando li que a onda de calor na França pode ter morto 3.000 pessoas, não pude evitar a comparação desse número com as vítimas do ataque terrorista de 11 de setembro. Este último evento provocou uma alteração imediata nas políticas interna e externa dos EUA, enquanto o comportamento climático inusitado causou pouco mais do que um sentimento de impotência, no continente europeu”.

Escrevo, justamente, da França – onde me encontrei durante a segunda parte da canícula e a importância do comentário desse leitor do HT tem a ver com minhas próprias percepções e não do editor do jornal, que relegou a carta aos pequenos espaços que normalmente merecem as manifestações dos leitores.

Uma das razões dessa viagem era uma visita a uma empresa de Paris, para tratar de um assunto de interesse recíproco. Havia subestimado, contudo, os obstáculos a um contato – de qualquer natureza – durante o fatídico período de “Les Vacances”... Como se fosse uma conspiração de resistência passiva, a pessoa com quem deveria tratar estava de férias; seu substituto estava entrando e o regra-três ainda não havia voltado. À custa de brasileira insistência, acabei conseguindo resolver o assunto num escritório que parecia em processo de mudança para outro local, com pessoas claramente perplexas por ter de trabalhar durante o que se considera como período de hibernação intelectual - “au contraire”.

Entre o 14 de julho e o final do mês de agosto, toda a França para. As férias reais, trabalhistas, de 2 a 4 semanas, resultam numa interrupção de fato das atividades durante um mês e meio.

Se isso ocorresse no Brasil - ou em qualquer outro país da América Latina - seria assunto de piadas preconceituosas. Como acontece na quarta economia global - no “primeiro mundo” - passa despercebido; é “normal”.

Os administradores responsáveis pelas omissões já apresentaram suas excusas. Fatalidade. Não podiam adivinhar o que ia acontecer, e 3.000 pessoas simplesmente morreram. “Désolé”...

Culpa do terrorismo? Não. Das tradições.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Terrorismo e Tradição. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, ago. 2003. Disponível em <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=360&ID=168>>. Acesso em: 30 mar. 2010.